

# ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E ANTIGUIDADE PRÓXIMO-ORIENTAL: REFLEXÕES PÓS-COLONIAIS A PARTIR DO FILME *ETERNOS*, DA *MARVEL STUDIOS*

Ana Beatriz Martins Tardeli<sup>1</sup>  
Douglas Cerdeira Bonfá<sup>2</sup>

**RESUMO:** A proposta aqui é retrazar os caminhos que deram origem à institucionalização das disciplinas 'Arqueologia' e 'História Antiga' e destacar como suas teorias e metodologias foram se diversificando dependendo do contexto social no qual estavam sendo realizadas e pensadas. Para tanto, é explicitado o período que se configura do século XIX ao XX, quando o Imperialismo e o Nacionalismo estavam em voga e acabaram por fundamentar preceitos e atitudes ante os estudos histórico e arqueológico dos locais 'subalternizados', a saber: continentes asiático, africano e latino-americano. Assim, é realizado um estudo de caso voltado para a antiga Mesopotâmia a partir do filme 'Eternos', de produção da *Marvel Studios*, salientando narrativas imperialistas e demonstrando a importância de se analisar documentos/monumentos através de uma chave de leitura crítica, utilizando fontes da Antiguidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia. História antiga. Mesopotâmia. Antiguidade próximo-oriental. Estudos pós-coloniais. Cultura pop.

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Estadual de Campinas – IFCH; (a187289@dac.unicamp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8605-2535>

<sup>2</sup> Graduado em História e especialista em História Social pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada – SP, Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas – MG e doutorando em História Cultural na Universidade Estadual de Campinas, com financiamento CAPES (douglas.bonfa@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3387-361X>

## ARCHEOLOGY, HISTORY AND NEAR EAST ANTIQUITY: POST COLONIALS REFLEXIONS FROM *ETERNALS* MOVIE

**ABSTRACT:** The proposal here is to retrace the paths that originated the institutionalization of 'Archeology' and 'Ancient History' subjects and to highlight how their theories and methodologies were diversifying themselves based on the social context they were being constructed and reflected. Therefore, it is detached from the period that goes from XIX to XX century, when Imperialism and Nationalism were in vogue and found norms and attitudes before the historical and archeological studies of the locals 'subordinated', videlicet: the Asian, African, and Latin American continents. Thus, it is articulated a case study about the Ancient Mesopotamia from *Eternals* movie, a *Marvel Studios* production, pointing out imperialists narratives and showing the importance of analyzing documents/monuments through a critical reading key, using Antiquity sources.

**KEYWORDS:** Archeology. Ancient History. Mesopotamia. Near East Antiquity. Post-colonial studies. Pop culture.

### INTRODUÇÃO

Conhecer o passado, ou simplesmente ter curiosidade em saber como as pessoas se relacionavam ou até mesmo suas práticas diárias é algo mais comum do que se pode imaginar. A maneira mais comum e corriqueira de obtermos essas informações acontece por intermédio de telenovelas, filmes, séries, jogos, literatura etc. Nestes segmentos é relativamente possível ter uma ideia sobre a Antiguidade, mas não podemos esquecer que este tipo de produção tem como intuito principal entreter o público que o consome, não tendo, necessariamente, um compromisso com a realidade ou um critério científico para sua elaboração, o que não significa que elas não são capazes de nos trazer informações sobre a Antiguidade, e sim, que esse não é seu foco principal.

Outra forma de buscar essas informações são as produções acadêmicas. Essas, por sua vez, diferente da mencionada anteriormente, possuem um compromisso científico, fazem uso de um método de pesquisa e exigem uma dedicação maior de seus leitores.

Para elaboração dos conteúdos de entretenimento existe uma liberdade nas fontes a serem utilizadas. Pode-se “dar asas à imaginação”, criar, reler, fantasiar enredos. Também existe a possibilidade de se inspirar em textos para se aproximar da realidade. Já no âmbito acadêmico, o rigor das fontes a serem utilizadas é maior. É possível analisar literaturas, filmes, entre outros, porém sempre é exigido um rigor teórico metodológico para que o mesmo seja reconhecido como científico.

Em nosso caso, focaremos em demonstrar como as fontes escritas e materiais contribuem para que conheçamos sobre o passado. Para tanto, iniciaremos fazendo uma breve apresentação sobre o nascimento e a trajetória de duas disciplinas que são deveras protagonistas para o conhecimento da Antiguidade: Arqueologia e História Antiga. Poderemos perceber que desde a fundação das disciplinas até os dias atuais, aconteceram diversas transformações significativas que possibilitaram a novas formas de abordagens e novas perspectivas de análise, abrindo espaço para discussões que englobam novas temáticas como gênero e etnicidade. Graças a essas transformações, faremos uma análise crítica à antiga forma eurocêntrica e analisaremos um estudo de caso que remete ao Oriente.

## 1. ARQUEOLOGIA

Como já mencionado na Introdução, o interesse pelo passado é algo quase que natural do ser humano. Se buscarmos a etimologia da palavra Arqueologia, encontraremos a junção de dois termos gregos: *archaios*, significando “passado” ou “antigo”, e *logos*, que significa “ciência” ou “estudo”, ou seja, Arqueologia é a ciência que estuda o antigo, o passado. Esse interesse não é algo recente. Os antigos já se dispunham a procurar vestígios em busca de túmulos de reis e heróis descritos na Ilíada e Odisseia. Antes mesmo do reconhecimento da Arqueologia como ciência, Tucídides, historiador grego, que viveu no século V AEC, já fazia uso do termo.

Com o passar do tempo, essa prática foi se aprimorando e ganhou forças na Modernidade. Com o movimento Renascentista as pessoas que se dedicavam a esse exercício eram chamadas de antiquários. O resultado disto foi a formação de grandes coleções que eram expostas em casa de famílias tradicionais ou igrejas (DÍAZ-ANDREU, 2019)<sup>3</sup>. Isto se deve ao fato de que essa atividade demandava um investimento alto, ficando restrito a pessoas abastadas.

Segundo Funari e Tega, “a Arqueologia é uma das disciplinas acadêmicas mais precoces” (FUNARI, TEGA, 2014, p.18)<sup>4</sup>. Em seu texto *Arqueologia, do Imperialismo à inclusão social*, os autores explicam o contexto iluminista do século XVIII e a importância de Galileu Galilei e Giordano Bruno no movimento em que a ciência era reconhecida como o conhecimento objetivo do mundo. Isso viria a impactar nas universidades criadas no medievo, onde a

---

<sup>3</sup> DÍAZ-ANDREU, Margarita *Arqueologia crítica e humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, p.21-22.

<sup>4</sup> FUNARI, Pedro Paulo, TEGA, Glória. *Arqueologia, do Imperialismo à Inclusão Social*. Expressa Extensão, Pelotas, p. 17-27, 2014.

Filologia ocuparia o lugar da gramática e retórica e, posteriormente, viria a viabilizar o surgimento da História e da Arqueologia.

Contudo, Funari e Tega salientam que outros fatores foram importantes para o surgimento dessas disciplinas. Destacam as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. O crescimento da urbanização, resultante da industrialização foi inversamente proporcional ao sistema feudal. Não havia mais espaço para relações entre súditos e reis, entra em cena o Nacionalismo e o Imperialismo.

Margarita Díaz – Andreu<sup>5</sup> considera que esse contexto descrito foi o que possibilitou a institucionalização da Arqueologia e conseqüentemente sua profissionalização, além da criação de cadeiras acadêmicas para a disciplina. Isso se deve porque uma das ferramentas do Nacionalismo estava em buscar no passado algo que fortalecesse a identidade nacional. Já para o imperialismo, o passado significava uma espécie de exemplo a ser seguido, imitado e interpretado da maneira que melhor conviesse para justificar suas ações imperialistas. Foi nesse período que as antigas coleções particulares e os gabinetes de curiosidades tomam importância e dão lugar aos museus.

Por influência do Imperialismo e do Nacionalismo, as coleções dos museus entre o final do século XVIII e início do século XIX, eram compostas por artefatos relacionados às grandes civilizações, não só em países europeus, mas também nas colônias (intuito imperialista). Em seguida, começaram a surgir os museus nacionais, que dedicavam suas coleções à história local, aos heróis nacionais e seus grandes feitos (intuito nacionalista). Hoje podemos encontrar essa configuração em museus municipais, que em sua maioria, exaltam a história local, dedicando importância às figuras e famílias importantes da cidade.

---

<sup>5</sup> DÍAZ-ANDREU, Margarita *Arqueologia crítica e humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, p.20.

Segundo Díaz – Andreu:

(o nacionalismo) Tornou-se a verdadeira espinha dorsal do Estado: os estados apenas poderiam ser sustentáveis se estivessem ancorados por uma nação. A arqueologia forneceu às nações matérias-primas para a formação e a manutenção das identidades nacionais. No século XIX, quando as grandes nações estavam sendo definidas e as primeiras nações menores clamavam seu direito de existir, os arqueólogos não viam como problemáticas a associação entre seus sentimentos nacionalistas e seus interesses no passado. Hoje em dia, menções explícitas deste tipo são encontradas apenas em regiões do mundo que apresentam distúrbios políticos. Pelo contrário, na maioria dos países, o papel dos arqueólogos no nacionalismo tornou-se parte do que se tem chamado de nacionalismo banal (DÍAZ-ANDREU, 2019, p. 29)<sup>6</sup>.

Do exposto até aqui, podemos observar que o nascimento da Arqueologia como uma disciplina e o reconhecimento de sua importância se deveu graças ao contexto nacionalista e imperialista da época, o que acabou por resultar em sua utilização como ferramenta de manutenção e justificação desses regimes políticos. No decorrer de nosso artigo demonstraremos que, com o passar do tempo e em favor de alguns acontecimentos, a maneira de enxergar e utilizar a arqueologia vai se modificando, o que antes servia como alicerce para governos autoritários, passará a ser utilizada de maneira contrária. Mas antes, observaremos como se deu a criação da disciplina História Antiga, que compartilha várias semelhanças com o nascimento da Arqueologia.

---

<sup>6</sup> DÍAZ-ANDREU, Margarita *Arqueologia crítica e humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, p.29.

## **2. HISTÓRIA ANTIGA**

O nascimento da História Antiga como disciplina coincide com o da Arqueologia, com a formação dos Estados Nacionais e movimento imperialista europeu. Os conteúdos abordados não contemplavam toda a História Antiga do mundo. O nome adequado deveria ser “História Antiga do Ocidente”, pois abrangia somente Grécia e Roma, que eram chamadas de Antiguidade Clássica e Egito e Oriente Próximo. O motivo pelo qual foi delimitado esse recorte diz respeito exatamente à função a qual eles atribuíam a História Antiga: formular a história da origem do Ocidente.

Para os europeus, sobretudo, para os governos dos territórios que estavam em processo de formação de seus Estados Nacionais, era preciso criar uma identidade legítima que fortalecesse o sentimento de pertencimento de seus cidadãos. Eles acreditavam que relacionar uma ligação do presente europeu com o passado, especialmente com o passado clássico, serviria de alicerce seguro para formação de uma identidade cultural forte e homogênea.

Segundo Norberto Luiz Guarinello:

A memória social é, com frequência, um campo de conflitos, no qual diferentes sentidos são conferidos ao passado: personagens e fatos distintos são valorizados ou rejeitados, interpretações são contrapostas, silêncios ou lembranças festivas se confrontam. Tradições contrastantes lutam por legitimidade no espaço social da memória através de diferentes lugares e meios: textos, monumentos, festividades, associações, veículos de comunicação, instituições e o próprio Estado. No mundo contemporâneo, o Estado é o maior e mais eficaz produtor de memórias sociais. Ele necessita dessa produção de memória para sua própria legitimidade, mas sobretudo, para manter uma identidade nacional e cívica, para dar sentido a sua existência

como parte da vida dos cidadãos e da própria ideia de nação (GUARINELLO, 2013, p.9-10)<sup>7</sup>.

O ato de recorrerem à Antiguidade demonstra falta de argumentos, de dificuldade de convencimento, ou, até mesmo, uma insegurança no desenvolvimento/criação de uma identidade que dê conta de abranger toda multiplicidade cultural e encaixá-la em um quadrado fechado, tornar um padrão, o qual denominariam como nação.

A Antiguidade Clássica foi utilizada para sanar essa dificuldade. As nações modernas tomariam como exemplo Grécia e Roma antigas, forjando uma hereditariedade, assim sendo, não haveria necessidade de criar algo novo, uma nova cultura ou novos elementos que servissem como agentes de integração social. Para tanto, bastava recriar e moldar a partir da Antiguidade. Deve-se entender que nesse processo não ocorreu uma reprodução exata da cultura antiga, mas sim a apropriação de elementos que lhes convinha enquanto ignoravam ou apagavam o que não lhes era de interesse.

Segundo Glaydson José da Silva:

No que tange aos estudos sobre a antiguidade e sua relação com os nacionalismos, a instância do tempo presente, antes de qualquer outra, é a que determina a produção das memórias nacionais. Pode-se concluir que o discurso da nação obedeceu na Europa, desde a Idade Média, uma tríplice função: 1- afirmar uma identidade; 2- garantir uma continuidade; 3- solidificar uma comunidade de destinos (SILVA, 2007, p.31)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. Coleção História na Universidade. Editora Contexto. São Paulo, 2013, p.9-10.

<sup>8</sup> SILVA, Glaydson José. *História Antiga e Usos do Passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sobre o regime de Vich (1940 - 1944)*. Tese de doutorado. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007, p.21.



O também historiador Richard Hingley nos orienta no mesmo sentido ao salientar que Roma, enquanto Império, trabalhou no sentido de transmitir sua cultura por todo o território pertencente a seu domínio. O autor se refere a esse processo como “discurso de dominação”, e é exatamente esse elemento que chamava a atenção dos governos modernos, e os servia como legado (HINGLEY, 2010)<sup>9</sup>. A esse processo os romanos deram o nome de *humanitas*, conceito utilizado para explicar o que eles entendiam como “civilização dos bárbaros”.

A ideia de criar um vínculo e de reivindicar uma herança entre os Estados Nacionais modernos e o Império Romano serviu para justificar os empreendimentos imperialistas e colonialistas. Os impérios europeus seriam herdeiros da cultura greco romana e, à imagem de seus antecessores, estariam incumbidos de disseminar a cultura além da Europa e civilizar os povos dos quais entendiam como inferiores.

Isto posto, nos deixa com a impressão de que a Antiguidade, de maneira geral, e a disciplina História Antiga, de maneira específica, servem como ferramentas ideológicas para justificar e manter governos de cunho autoritários, preconceituosos e segregadores. De fato, o contexto em que a mesma nasce favorece essa compreensão e, em alguns momentos, foram feitas interpretações que levaram a movimentos como, por exemplo o Fascismo e o Nazismo. Para Richard Hingley:

Nesses termos, o saber clássico reinventou-se no mundo moderno para dar forma a um elemento vital de um crescente discurso de modernidade pelo qual as relações imperiais foram criadas e transformadas. Tem-se definido modernidade como um esquema conceitual que foi (e continua sendo) fundamental

---

<sup>9</sup> HINGLEY, Richard. *O Imperialismo Romano - novas perspectivas a partir da Bretanha*. UFPR/ UNICAMP/CAPES/ ANNABLUME, São Paulo, 2010, p.69.

para os empreendimentos imperiais das potências ocidentais – um conjunto de noções a partir do qual se imaginou e se manipulou o mundo. [...] muitos dos conceitos a partir dos quais se delineou a modernidade eram, no final das contas, tirados de textos greco-romanos. Adotavam-se e adaptavam-se ideias germânicas por meio da releitura de um herdado e poderoso discurso de dominação. [...] Algumas dessas ideias inerentes desde o passado – por exemplo, “civilização”, “barbarismo” e a ideia de “guerra justa” – continuaram populares, e continuam a serem redefinidas, hoje, a fim de justificar as ações internacionais das nações ocidentais (HINGLEY, 2010, p. 71-71)<sup>10</sup>.

Até o momento, ficamos com a impressão de que a Arqueologia e a História Antiga são disciplinas que oferecem subterfúgios para manutenção de governos e elites, das quais a utilizam na intenção de garantir e justificar seu poder. Esse estigma acompanhou as disciplinas por muito tempo, mas, no decorrer de nosso trabalho, será possível perceber que o contexto influenciou e, ainda influencia no modo como interpretamos as fontes e fazemos uso da História. Apresentaremos como a perspectiva sobre a Arqueologia e a História Antiga transformou-se com o passar do tempo e como alguns acontecimentos influenciaram e possibilitaram novas abordagens, garantindo espaço para novos temas que agregam ao invés de segregar.

### **3. ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA EM CONTEXTO PÓS-COLONIAL**

Neste momento, nossa intenção é demonstrar como as disciplinas História e Arqueologia estão e, sempre estiveram, em movimento. Ambas se relacionam e estão conectadas aos seus contextos histórico-sociais.

---

<sup>10</sup> HINGLEY, Richard. *O Imperialismo Romano - novas perspectivas a partir da Bretanha*. UFPR/UNICAMP/CAPES/ ANNABLUME, São Paulo, 2010, p.71-71.

Trabalhar com História ou Arqueologia significa entrar em contato com o passado, ou passados, sejam eles recentes ou longínquos. Mesmo se tratando do contato com fontes do passado, essa atividade ocorre no presente, fazendo com que nossos anseios, nossas demandas e nossas perspectivas influenciem nosso olhar, as escolhas de nossos objetos de pesquisa e nossa base teórica (FUNARI, 2003)<sup>11</sup>. Dito isto, iniciaremos uma breve reflexão para mostrar algumas mudanças ocorridas com as disciplinas focando no contexto pós-colonial.

Iniciando pela arqueologia, sua vertente teórica que primeiro veio a ser aceita foi a histórico cultural. Esse conceito foi criado no contexto em que os países europeus buscavam conhecer o seu passado e, a partir dele, criar uma identidade que comportaria as características “de um povo (grupo étnico, definido biologicamente) um território delimitado e uma cultura (entendida como língua e tradições sociais)” (FUNARI, 2007, p. 79<sup>12</sup>).

A quebra dessa perspectiva seria proposta nas décadas de 1960 (compreendeu o contexto da Guerra Fria) por pesquisadores estadunidenses, com destaque para Lewis Binford, criando o modelo de Arqueologia Processual. Essa vertente da Arqueologia tratava a Antropologia como primordial para o desenvolvimento de suas pesquisas. Segundo Funari, os arqueólogos ligados à vertente processualista buscavam nas sociedades antigas parâmetros que se repetissem e defendiam com isto, que seria possível criar um padrão que auxiliasse no estudo de todas as civilizações que compreendessem o mesmo período.

Para questionar o método da Arqueologia Processualista, entra em cena, na década de 1980, uma nova perspectiva que viria a ser chamada de

---

<sup>11</sup> FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade Clássica: A História e a Cultura a partir de documentos*. Editora Unicamp, 2003, p.19.

<sup>12</sup> FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia e Patrimônio*. Editora Habilis, Erechim RS, 2007, p.79.

Arqueologia Pós-processual. Nomes como Bruce Trigger, Ian Hodder, Michael Shanks e Christopher Tilley foram responsáveis por tecer críticas ao método processualista, argumentando que devem ser levados em conta aspectos culturais diversos, indo além de uma visão capitalista e materialista, o que acabaram por classificar como “discursos a serviço das potências imperialistas e da exploração” (FUNARI, 2007, p.81)<sup>13</sup>. Foi por meio da Arqueologia Pós-processual que a disciplina ganhou um caráter social agregador e democrático, abrindo espaço para que as minorias também fossem estudadas, seja no passado ou mesmo na luta por direitos no presente.

Tal mudança se deve ao contexto de descolonização em que os países da África e da Ásia conquistam sua independência. Isso acarreta em uma nova demanda, onde passarão a buscar no passado maneiras de legitimar sua luta. Esse contexto é chamado de pós-colonial e influenciará diretamente na disciplina de história, como observaremos a seguir.

Desde o início, de que temos conhecimento, e podemos chamar de História, até os dias atuais, percebemos que a maneira de se pensar e produzir História passou por várias nuances. Começando desde a antiguidade, com Heródoto, considerado por muitos como o pai da História, onde são atribuídas três modelos: História Humanista, Retórica e Mestra da vida. (Payen, 2011)<sup>14</sup>, até os estudos de pós-modernidade, pós-colonial etc.

Para Reinhart Koselleck<sup>15</sup>, essa história inaugurada na Antiguidade serve como base e perdura até aproximadamente o século XVIII. No do modelo História Mestra da vida, o autor entende que “o emprego de nossa

---

<sup>13</sup> FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia e Patrimônio*. Editora Habilis, Erechim RS, 2007, p.81.

<sup>14</sup> PAYEN, Pascal. *A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?* Tradução Gustavo de Azambuja Feix; revisão: Emanuella Gonçalves; revisão de tradução: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard; revisão técnica: Temístocles Cezar. Periódico História da Historiografia 103 - 122, Ouro Preto, 2011.

<sup>15</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p.42.

expressão permanece como indício inquestionável da constância da natureza humana, cujas histórias são instrumentos recorrentes apropriados para comprovar doutrinas morais, teológicas, jurídicas ou políticas” (KOSELLECK, 2006, p.43)<sup>16</sup>. Tal motivo se dava porque, nesse período as transformações sociais aconteciam de maneira tão lenta que o passado ainda servia como ensinamento e exemplo a ser seguido.

A História como Mestra da vida acaba sendo relacionada com a lógica cristã e as profecias apocalípticas e a questão da salvação eterna. Mesmo quando ocorre a dissociação com a visão cristã, a vertente ganha impulso com Maquiavel, em suas obras *Discursos sobre a primeira década de Títo Livio* e *O príncipe*, onde ressalta a importância de se observar o passado e aprender com o mesmo, nos casos em específico, faz menções a Roma Antiga (BONFÁ, 2017)<sup>17</sup>.

Seria no contexto da Modernidade que aconteceria uma espécie de ruptura entre passado e presente. A História não mais determinaria o futuro, não seria mais instrutiva, como exemplo a ser seguido. Ela não se aprenderia e desenvolveria a partir da repetição do passado. Com essa revolução metodológica ela passa a ser o conhecimento de si própria.

Passou-se a exigir da história uma maior capacidade de representação, de modo que se mostrasse capaz de trazer à luz – em um lugar de sequências cronológicas – os motivos que permaneciam ocultos, criando assim um complexo pragmático, afim de extrair do acontecimento casual uma ordem interna (KOSELLECK, 2006, p.51)<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p.43

<sup>17</sup> BONFÁ, D. C. Antiguidade, identidade e os usos do passado. *Revista De Estudos Filosóficos E Históricos Da Antiguidade*, 21(30), 2017, p.16.

<sup>18</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. contribuição à semântica dos tempos históricos*.

Os historiadores adeptos a essas premissas e que estavam preocupados com o processo de reconstrução do passado de uma maneira crítica, entendiam que a antiga metodologia na qual a História instruíra, por meio de exemplos, já não dava mais conta de trazer respostas e sanar as demandas contemporâneas. Isto se dá em decorrência da velocidade com a qual as transformações sociais aconteciam. Um bom exemplo seria o período da Revolução Francesa, em que em um espaço de tempo relativamente curto, ocorreram diversas transformações políticas e sociais.

No século XIX, durante a formação dos Estados nacionais modernos, contexto já explicado anteriormente, pudemos observar que a História ganhou um caráter positivista, no qual se pautava em documentos oficiais, grandes fatos, personalidades e exaltação as chamadas grandes civilizações da Antiguidade. O intuito, como já vimos, era o de manutenção de poder e justificava seus empreendimentos imperialistas.

O primeiro passo para que a História se torne mais abrangente e diversifique seus objetos de estudos e metodologias, ocorre nas décadas de 1920. Nessa ocasião, a História começa a trabalhar em conexão com demais disciplinas como a Antropologia, Sociologia e afins. Esse movimento se torna possível a partir da criação da Escola dos Annales (Lucien Febvre e Marc Bloch). Novas possibilidades são inauguradas a partir de vertentes como a Micro – História, a História Cultural, a História das Mentalidades e a História Social (BONFÁ, MATOS, 2022)<sup>19</sup>.

Abre-se espaço para os indivíduos que viviam às margens da História, como escravizados, libertos, mulheres e todos os demais que antes foram

---

Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p.51.

<sup>19</sup> BONFÁ, D. C., & MATOS, K. B. de S. Antiguidade em contexto: os usos do passado e suas intencionalidades. *Revista De Estudos Filosóficos E Históricos Da Antiguidade*, 27(37/38), 94–109, 2022, p.97.

negligenciados. As lutas de movimentos por reconhecimento de seus direitos também fazem com que novos temas sejam estudados (etnicidade, gênero, sexualidade etc.). As pesquisas relacionadas à História Antiga também refletem essas novas demandas, como escreve Funari:

As críticas aos modelos normativos coincidiram com a multiplicação de sujeitos sociais, dos movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 e 1960 aos movimentos feministas e estudantis da mesma década de 1960. No interior da sociedade, encarada como todo único ou como bipolar, surgiram manifestações crescentes da diversidade de interesses e objetivos e multiplicavam-se, portanto, os interlocutores sociais. Movimentos religiosos, como a Teologia da Libertação e o Opus Dei, à esquerda e a direita, mostravam a multiplicação das identidades sociais e o esfacelamento, cada vez mais claro das pretensões de homogeneidade social. As reflexões teóricas e os estudos empíricos mostravam como as identidades sociais eram múltiplas e fluidas e como e como os modelos normativos não davam conta da diversidade social. O estatuto da ciência como discurso alheio aos interesses das pessoas foi posto em questão, com a crescente interação entre estudiosos e grupos sociais. [...] Neste contexto, tardou a História Antiga a tomar contato com as discussões epistemológicas sobre a multiplicação de sujeitos mas, quando o fez, o estudo da Antiguidade mostrou-se excepcional para a crítica do conhecimento histórico, em qualquer época ou período (FUNARI, 2005, p. 5-6)<sup>20</sup>.

Após essa trajetória em que tentamos demonstrar como as disciplinas de Arqueologia e História Antiga se transformaram com o passar do tempo e em função das demandas presentes em seus contextos, trataremos a temáti-

---

<sup>20</sup> FUNARI, Pedro Paulo A, BERNAL, Martin, CANFORA, Luciano, OLIVER, Laurent. *Repensando o Mundo Antigo*. Editora Unicamp, 2005, p.5-6.

ca referente ao Oriente Médio e apresentaremos um estudo de caso, que são possíveis graças ao espaço aberto pela perspectiva pós-colonial, refletindo assim suas características.

#### 4. FONTES DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

A partir de agora abordaremos o caso específico da chamada “terra entre rios”, a antiga Mesopotâmia. Localizada entre os rios Tigre e Eufrates - daí a explicação do nome -, atual território dos Estados do Irã, Iraque e Jordânia, ela foi o espaço onde ocorreram significativas inovações ao longo dos anos 3100-333 AEC aproximadamente<sup>21</sup>. Tais inovações foram tanto de cunho tecnológico, quanto políticos e sociais, e também por isso há uma certa justificativa e legitimidade de seus estudos pelos pesquisadores europeus posteriores.

Tais estudiosos acreditam que, de algum modo, são herdeiros diretos desse ‘grande’ passado mesopotâmico, uma vez que as civilizações que compuseram essa região assistiram ao nascimento de impérios<sup>22</sup>, das noções de astronomia, matemática, justiça<sup>23</sup> e, destacadamente, da cidade e da escrita, que tiveram (e ainda têm) papel fundamental nas sociedades modernas (ANTEQUARA, 2015)<sup>24</sup>.

O destaque dado às duas últimas se deu devido a sua relevância para as primeiras escavações arqueológicas no Oriente Médio, no início do século XIX, quando descobriram restos de tábuas cuneiformes e objetos como

---

<sup>21</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Editora Unicamp, 1986, p.31.

<sup>22</sup> O Império Acadiano (2371-2230 AEC) é considerado o primeiro império do mundo.

<sup>23</sup> ‘Código de Eshnunna’ (III Dinastia de Ur-2112-2004 AEC) e ‘Código de Hammurabi’ (Império Paleobabilônico - 1792-1595 AEC) .

<sup>24</sup> ANTEQUERA, R. A. O. M. *Do Templo ao Palácio: Representações da cidade suméria através da “Lista Real Suméria” durante o Dinástico Primitivo (2900 – 2334 A.C.)*. Franca, 2015.



vasos, moedas, templos<sup>25</sup> e relevos em paredes palacianas. Elas orientaram os pioneiros esforços de deciframento e análise dos documentos e, por conseguinte, definiram o movimento historiográfico e arqueológico acerca da temática antiga oriental.

Portanto, a Arqueologia é basicamente a única fonte de conhecimento dos diversos agrupamentos humanos que ali se assentaram, e, por causa das origens nacionalistas durante a sua institucionalização, ela acabou por 'ocidentalizar' essa região, afirmando que sua glória vive apenas nesse passado grandioso, o qual influenciou a literatura épica helênica, os textos bíblicos e ergueu magníficas construções arquitetônicas<sup>26</sup> (CARDOSO, 1990).<sup>27</sup>

Ainda assim, algo comum a toda a História Antiga, as fontes materiais/documentais são escassas, limitando nosso acesso à complexidade desses espaços-tempo. Exemplo disso é a própria escrita cuneiforme, cuja prática era restrita a um grupo seletivo, predominantemente masculino, da classe dominante dos templos religiosos das Cidades-Estados. Isso acabava por excluir as mentalidades e vivências dos colocados como subalternizados: mulheres, escravizados, populações menos abastadas, etc. que não eram alfabetizados.

Ademais, conforme disse Brigitte Lion,

É impossível ter um discurso unitário sobre as diversas civilizações que se desenvolveram na Mesopotâmia durante três milênios e que são expressas em diferentes línguas (**sumério e acadiano por exemplo**)... Devido ao rigor desse campo de

---

<sup>25</sup> Sua forma mais conhecida é o zigurate: 'pirâmide escalonada em cujo topo era construído um templo' (POZZER, 2003, p.73).

<sup>26</sup> Algo que se constitui como 'orientalismo' nos termos de Edward Said: SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. 12ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

<sup>27</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Antiguidade Oriental, Política e Religião*. São Paulo: Contexto, 1990, p.52.

estudos, é preciso ter conta do tempo, do lugar, do pertencimento étnico, do status jurídico, da classe social, etc. (LION, 2007, pp. 1-2, **grifo nosso**; tradução autoral).<sup>28</sup>

As tábuas tratavam de assuntos diversos como movimentos astronômicos, calendários, nascimentos, biologia humana, botânica, geografia, religião, vida cotidiana etc. (BOTTÉRO; MORRISON, 1995, p.29). Porém, para além delas e como complemento indispensável, há o exame das iconografias palacianas e templárias, consideradas as conquistas mais impressionantes do primário processo de urbanização.

Através de relevos em suas paredes elas conseguem retratar uma narrativa que se impõe sobre os circulantes desses ambientes, uma narrativa que demonstra a força e proteção dos deuses e reis, uma narrativa que deve ser exaltada e seguida pelos próximos habitantes (MAY, 2012)<sup>29</sup>. Assim, a Arqueologia se coloca em um papel de demonstrar as mudanças político-administrativas, os costumes, as mentalidades e outros setores mais.

Cardoso (1990) destaca um importante movimento dos setores supracitados: a separação espacial do templo e do palácio, do sagrado e do governo. Antes do Império Acádio (2371-2230 AEC), política, religião e economia eram inseparáveis tanto idealmente quanto em sua execução. O governante da cidade-Estado, inclusive, era chefe secular e sumo sacerdote do deus protetor do local.

---

<sup>28</sup> No original: Il est impossible de tenir un discours unitaire sur les civilisations diverses qui se sont développées en Mésopotamie pendant trois millénaires et se sont exprimées dans différentes langues...comme il est de rigueur dans ce genre d'études, il faut tenir compte du temps, du lieu, de l'appartenance ethnique, du statut juridique, du rang social, etc. (LION, 2007, pp. 1-2).

<sup>29</sup> MAY, Natalie. "Triumph as an Aspect of the Neo-Assyrian Decorative Program". In: WILHELM, Gernot (org.). *Organization, Representation, and Symbols of Power in the Ancient Near East*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2012, p. 475.

Após esse período, e devido em grande parte à necessidade de militarização para a conquista e para o maior controle agora sob os novos territórios e 'súditos', por assim dizer, houve uma cisão entre essas dimensões como resultado de uma transformação na agência 'humana' que acabou por impactar a arquitetura. Como explica Pozzer (2003, p.62): "As cidades mesopotâmicas passaram então, a contar com dois centros de poder: um político e militar - o palácio-, e outro econômico e religioso – o templo –, um espaço profano, outro sagrado."

Aliás, essa interpretação de que mudanças na práxis e na organização afetam as mentalidades e por consequência são refletidas na arquitetura é uma demonstração de análise crítica do objeto arqueológico. Mario Liverani (2016), historiador do antigo Oriente, defende uma leitura maximalista-minimalista dos documentos/monumentos. Ou seja, nem acreditar que tudo o que está contido nele seja verdade (maximalista), nem achar que tudo é ficção (minimalista). Analisar ponderando a possibilidade de existência de elementos reais e outros com interferência subjetiva e criativa do produtor.

Outros pesquisadores da área concordam com essa metodologia e ainda afirmam como as fontes históricas e arqueológicas estão sujeitas a modificações físicas e discursivas:

Como um objeto que é, não só pode ser examinado em todas as suas partes, como também é viável decompô-lo, analisá-lo como qualquer outra amostra. Está disponível para qualquer pessoa, desde que possa lê-lo e isolar suas partes: as ideias, os temas, as imagens, as reviravoltas, as frases, as palavras e até as partículas dessas palavras, moleculares ou atômicas, mesmo que por pouco se detenha em cada uma delas, fixa-se sua curiosidade, sua atenção e sua reflexão. Cada um desses componentes pode não apenas ser separado dos demais, mas

também retomado e, remodelado ou como está, transposto para outros contextos, afetados por significados e alcances diferentes e até contrários, mediante a simples alteração de um ou de outro de seus elementos (BOTTÉRO; MORRISON, 1995, p.20; Tradução autoral)<sup>30</sup>.

Inclusive, como já foi citado anteriormente, é importante destacar que a partir do final do século XX e início do XXI, após as chamadas ‘segunda’ e ‘terceira’ ondas do feminismo, a historiografia da Antiguidade passou a focalizar suas pesquisas através das lentes dos estudos étnicos, feministas, de gênero, queer, pós-coloniais e ainda decoloniais (DÍAZ-ANDREU, 2019, pp.98-100)<sup>31</sup>. Dessa forma, alterou-se metodológica e teoricamente a escrita da História, agenciando novos sujeitos e problematizando os conceitos pre-estabelecidos.

E para entendermos a maneira na qual essa recente metodologia é aplicada, faremos um estudo de caso partindo do filme *Eternos*<sup>32</sup>, produção da *Marvel Studios*, lançado nos cinemas no dia 04 de novembro de 2021.

---

<sup>30</sup> No original: Como objeto que es, no sólo se lo puede examinar en todas sus partes, sino que es factible desmenuzarlo, analizarlo como cualquier otra muestra. Está al alcance de cualquiera, siempre que lo pueda leer y aislar sus partes: las ideas, los temas, las imágenes, los giros, las frases, las palabras y hasta las partículas de esas palabras, moleculares o atómicas, por poco que uno se detenga en cada una de ellas, fijando su curiosidad, su atención y su reflexión. Cada uno de estos componentes no sólo puede ser separado de los demás, sino también retomado y, remodelado o tal cual es, transpuesto a otros contextos, afectado de significaciones y alcances diferentes y hasta contrarios, mediante la simple alteración de uno u otro de sus elementos (BOTTÉRO; MORRISON, 1995, p.20).

<sup>31</sup> DÍAZ-ANDREU, Margarita. *Arqueología crítica e humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, pp.98-100.

<sup>32</sup> ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 2021.

## 5. HISTÓRIA E CINEMA

A construção de um filme cinematográfico está em constante diálogo com a História, pois é uma obra artística realizada em um certo período, por pessoas que pertencem a determinados segmentos sociais, que possui objetivos intrínsecos e é recebida por um público que coloca suas percepções individuais sobre o conteúdo final. Dessa forma, o Cinema é uma fonte historiográfica privilegiada por possibilitar acesso ao imaginário humano em e sobre uma época, uma vez que “o cinema, sobretudo a ficção, abre uma via real na direção de zonas psico-sócio-históricas jamais atingidas pela análise dos ‘documentos’ [escritos e arqueológicos]” (MORETTIN, 2003, p.23)<sup>33</sup>.

Inclusive, as mídias visuais históricas atuam como as principais propagadoras da chamada História Pública nos dias atuais (ROSENSTONE, 2010, p.28)<sup>34</sup>, principalmente por atingirem um público amplo e variado, tanto nas salas de cinema quanto nos *streamings* disponíveis através de assinaturas *online* e jogos virtuais. Os filmes de ficção histórica, aqui enfocados, podem demonstrar o que aconteceu ou o que poderia ter acontecido, em um exercício de criatividade e liberdade artística do produtor:

É possível encarar a contribuição de tais obras em termos não apenas dos detalhes específicos por elas apresentados, mas, sim, no sentido abrangente do passado que elas transmitem, as ricas imagens e metáforas visuais que elas nos fornecem para que pensemos historicamente. Também é possível encarar o filme histórico como parte de um campo separado de representação e discurso cujo objetivo não é fornecer verdades

---

<sup>33</sup> MORETTIN, E. V. *O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*. In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, 2003, p.23.

<sup>34</sup> ROSENSTONE, Robert A. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010 [tradução Marcelo Lino], p.28.

literais acerca do passado (como se a nossa história escrita pudesse fazê-lo), mas verdades metafóricas que funcionam, em grande medida, como uma espécie de comentário, e desafio, em relação ao discurso histórico tradicional (ROSENSTONE, 2010 pp.23-24).

Todavia, é possível e mesmo pertinente aplicar a metodologia crítica maximalista-minimalista que utilizamos para os documentos/monumentos também às mídias visuais, analisando suas constituições externas e internas, visto que todas essas fontes são montadas segundo metas específicas e limitadas ao que lhes é pertinente. Tais produções cinematográficas também vão atender e responder a demandas do seu momento de criação, e, quando reproduzem um passado, fazem isso o mediatizando pelo seu presente, perceptível através da escolha dos elementos retratados na tela (MORETTIN, 2003, p. 31).

Iremos utilizar como exemplo a indústria estadunidense de filmes e séries, que, desde os anos 1920 é predominante no cinema internacional. Na verdade, 69% dos filmes estrangeiros exibidos na maior parte dos Estados atuais tem como país de origem os Estados Unidos da América (EUA) (JEWETT; LAWRENCE, 1979, p.309)<sup>35</sup>. Ademais, uma das empresas mais famosas e influentes é a *Marvel Studios*, que pertence à *Disney* desde 2009, e é responsável pelo Universo Cinematográfico da Marvel (MCU), que já lançou mais de 27 filmes (interconectados), seis curta-metragens, mais de 5 séries no *Disney+*, – todos sucessos de bilheteria – além de já ter confirmadas mais 12 produções futuras (CARNES; GOREN, 2022, p.1)<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> JEWETT, Robert; LAWRENCE, John Shelton. *The Problem of Mythic Imperialism*. Summer, vol.2, 1979, p.309.

<sup>36</sup> CARNES, Nicholas. GOREN, Lilly J. *The Politics of the Marvel Cinematic Universe*. University Press of Kansas, 2022, p.1.

Por alcançarem tamanhos números e popularizarem seus personagens através da venda de outros objetos, como blusas, bonecos, enfeites, etc., o MCU deve ser considerado um importante influenciador social e um poderoso veículo de mensagens no âmbito internacional. Seus trabalhos despertam reflexões e sentimentos nas pessoas e, assim exercem um papel-chave no imaginário social, ainda mais considerando que seus personagens são seres com poderes sobre-humanos que tentam ou prevenir ou salvar a humanidade (que quase sempre se restringe aos EUA) de ameaças malignas. Porém, como afirmam Marisa Fernandez e Laura Méndez:

A mídia em geral e o cinema em particular podem ser definidos como dispositivos de reprodução ideológica cujo objetivo é inculcar e defender a agenda econômica, social e política dos grupos dominantes. O surgimento de uma indústria de entretenimento e o processo de espetacularização é uma consequência lógica do mecanismo de regeneração do sistema (FERNANDEZ; MÉNDEZ, p.2)<sup>37</sup>.

Dessa maneira, se analisados atentamente, é possível perceber a tendência de duas categorias de super-heróis: aqueles ou com poderes extraterrestres ou com poderes que provêm de tecnologias de alta ponta desenvolvida por milionários, distante das pessoas comuns, que conseguem salvar o dia unicamente por causa desses dons especiais (CARNES; GOREN, 2022, p. 11); e aqueles super-heróis individualistas, que salvam o dia sozinhos e não participam de nenhuma comunidade, em uma ideia que pode ser interpretada como anti-democrática (JEWETT; LAWRENCE, 1979, p. 316).

---

<sup>37</sup> No original: Los medios de comunicación en general y el cine en particular, pueden definirse como dispositivos de reproducción ideológica cuyo propósito es inculcar y defender el orden del día económico, social y político de los grupos dominantes. La puesta en marcha de una industria del entretenimiento y el proceso de espectacularización es una consecuencia lógica del mecanismo de regeneración del sistema (FERNANDEZ; MÉNDEZ. In: *Historia enseñada, cine y mujeres: una tríada a debate*, p.2).

Ambas categorias podem ser enquadradas como imperialistas/colonialistas, uma vez que a primeira impõe a ideia de que apenas seres superiores e com acesso a grandes tecnologias têm a capacidade de acudir os meros cidadãos do inimigo (esse sendo, muitas vezes, etnicamente especificado), e a segunda propaga uma ideologia de salvação quase divina, estipulando que a força popular conjunta não consegue proteger seu território.

Essa última representação é vinculada, por exemplo, pela Capitã Marvel<sup>38</sup>, heroína cujo filme foi lançado em 2019 e comercializada como a força feminista do MCU. Ela ganha seus extraordinários poderes através da absorção de energia de uma das Joias do Infinito extraterrestres, o Tesseract, e assim consegue proteger uma população inteira de exilados Skrulls (raça alienígena escondida na Terra) contra os Krees (raça alienígena genocida). Porém, paralelamente, a personagem descobre que nasceu e viveu no planeta Terra-616, e inclusive trabalhou para as Forças Aéreas estadunidenses, sendo o filme acusado pelos críticos de propaganda militar, que se utiliza do empoderamento feminino de Carol Danvers para passar a mensagem de que ela ganhou tamanha força por causa de seu treinamento especializado (WHITELAW, 2019)<sup>39</sup>.

Já a personagem Kamala Khan, mais conhecida como Ms. Marvel, fã e sucessora de Danvers, entrou oficialmente no MCU com a estreia da minissérie “Ms. Marvel”<sup>40</sup>, em junho de 2022. Ela e sua família são muçulmanas paquistanesas que se mudaram para os EUA com o intuito de alcançar “maior liberdade” e que possuem uma íntima conexão com o momento da Partição

---

<sup>38</sup> Filme disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/capita-marvel/38xJGILAQy9a>

<sup>39</sup> WHITELAW, Gavia Baker. *Is 'Captain Marvel' military propaganda?*. Daily.dot, 1 mar. 2019. Disponível em: <https://www.dailydot.com/parsec/is-captain-marvel-military-propaganda/>. Acesso em: 21 jan. 2023.

<sup>40</sup> Minissérie disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/series/ms-marvel/45BsikoMcOOo>



da Índia e do Paquistão em 1947. Kamala é uma adolescente de Jersey City que desperta seus poderes devido à sua raiz Djinn<sup>41</sup>, legada por sua bisavó.

Khan se encaixa na primeira categoria de super-heroína que definimos acima, pois ela tem a ajuda de amigos e familiares para derrotar os inimigos, que, na minissérie, são policiais do governo e ClanDestinos (super-humanos de outra dimensão). Porém, essa personagem é especialmente interessante para os objetivos do presente artigo por escancarar as visões orientalistas e imperialistas que a Marvel possui e propaga pelos quatro cantos do mundo. Isso porque Kamala é representada a partir de termos e noções ocidentais de ‘modernidade’, feminismo e liberdade, uma vez que ela é uma muçulmana “moderada” que não utiliza hijab - ao contrário de sua melhor amiga Nakia, o contrapeso tradicional islâmico da história - e que está em constante dúvida se deve escolher entre os valores religiosos ou estadunidenses, situação que ainda a coloca na condição de “Outro”, diferente, que não se encaixa (HOSEIN, 2016, pp. 57-58)<sup>42</sup>.

Apesar disso, ela é uma heroína que não cai no estereótipo pós 11 de setembro de “muçulmana má” e “terrorista”, isso simplesmente pelo fato dela ser leal e lutar pelos Estados Unidos da América, se igualando aos outros super-heróis da franquia, e assim podendo contribuir para vender a imagem ‘inclusiva’ da empresa de cinema, quadrinhos, bonecos, etc.

## **6. ESTUDO DE CASO**

Nós realçaremos neste tópico a produção cinematográfica *Eternos*, que foi baseada em uma História em Quadrinhos homônima, do artista Jack Kirby, e trata a respeito de dez seres alienígenas humanóides imortais e super

---

<sup>41</sup> Djinnns são espíritos da cultura islâmica, que não atuam nem pelo bem nem pelo mal.

<sup>42</sup> HOSEIN, Safyyia. The “Worlding” of the Muslim Superheroine: An Analysis of Ms. Marvel’s Kamala Khan. In: *The Popular Culture Studies Journal*, Vol. 7, No. 2, 2019, pp 57-58.

poderosos que vêm para a Terra com o intuito de protegê-la dos ‘Deviantes’, monstros malignos que destroem qualquer sinal de vida.

Para tal, os heróis se assentam no planeta no ano 5000 AEC, justamente na região da Mesopotâmia, e logo no início eles encontram um pequeno agrupamento humano, polindo uma pedra no formato de adaga, com casas de madeira, flechas e um idioma básico<sup>43</sup>. A partir daí eles se infiltram dentro dessa comunidade e se colocam como indivíduos superiores, ou talvez até mesmo divindades, que levam conhecimento e progresso de maneira benévola.

Essa noção fica tão explícita no enredo que os anos se passam e é mostrada a “grande” Babilônia durante 575 AEC, em pleno auge do Império Neobabilônico (626-539 AEC)<sup>44</sup>. Nessa cena nos é mostrada que alguns super-heróis não se misturam com a população babilônica, enquanto outros estão inseridos na sua rotina diária, além de apresentar um diálogo na qual o Eterno Phastos está literalmente criando o arado que será colocado à disposição dos seres humanos do Próximo Oriente<sup>45</sup>, e a Eterna Sersi está adicionando água na plantação<sup>46</sup>.

---

<sup>43</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 2min. 50s., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAAtkt6Jk>

<sup>44</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 21min. 56s., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAAtkt6Jk>

<sup>45</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 23min. 26s., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAAtkt6Jk>

<sup>46</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 27min. 51s., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAAtkt6Jk>

Em uma outra cena, a Eterna Sprite está contando histórias épicas, religiosas/mitológicas e de reis de forma magistral, referenciando inclusive um dos mais famosos textos mesopotâmicos, a Epopeia de Gilgamesh, se utilizando da linguagem oral e de 'poderes desenhísticos' para impressionar e convencer os habitantes:

“As maravilhas do mundo aguardam vocês.  
Sigam Gilgamesh e Enkidu na batalha.  
Sejam eternamente inspirados pela bravura e força deles.  
Você e seu companheiro sairão em grandes aventuras  
E se tornarão as próprias lendas!”<sup>47</sup>

A Epopeia de Gilgamesh é conhecida por ser o primeiro poema épico da História, remontando ao III milênio AEC, que inspirou a tradição literária do mito do herói forte e corajoso que sai em aventuras perigosas que vemos em Homero, Hesíodo, Antigo Testamento até às Histórias em Quadrinhos e filmes/séries/jogos dos séculos XX e XXI. Acredita-se que Gilgamesh existiu historicamente como um rei sumério do período proto-dinástico (por volta de 2750-2600 AEC), seu nome inclusive consta na Lista de Reis Sumérios (POZZER, 2020)<sup>48</sup>, e o filme se aproveita de tais informações para nomear um dos Eternos como o antigo rei, nos fazendo concluir que esse antigo prestigiado governante era, na verdade, o Eterno Gilgamesh<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 25min., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAkt6Jk>

<sup>48</sup> A EPOPEIA de Gilgamesh (Entrevista com Katia Pozzer). Spotify: Diálogos Olímpianos, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3FnxA6gyfL29UUdqfNldf?si=70686ba7bfb748a6>.

<sup>49</sup> Até irônico pensar que na Epopeia de Gilgamesh o herói tenta buscar a vida sem fim a qualquer custo e descobre que é algo impossível, enquanto o Eterno Gilgamesh já nasce com o peso da imortalidade nas costas,

Para além desses detalhes, o que mais nos interessa aqui são as representações das construções monumentais, dos jardins suspensos, com cores vibrantes e materiais valiosos. O famoso 'Portal de Ishtar' - construído durante o reinado de Nabucodonosor II (604-562 AEC), reconstruído com seus tijolos originais em 1926 e adquirido pelo Metropolitan Museum of Art em 1931<sup>50</sup> - é focalizado tanto na apresentação da cidade quanto em uma cena de ação na qual os Eternos lutam contra os Deviantes<sup>51</sup>.



Fonte: Metropolitan Museum of Art

<sup>50</sup> KIOSSESKI, Caroline dos Santos. Pannel com leão em posição de marcha. <https://www.ufrgs.br/leao/>, 20 set. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/leao/>. Acesso em: 9 nov. 2022.

<sup>51</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 20min. 56s., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAkt6Jk>



Fonte: Disney+

Curioso pensar que os produtores do filme escolheram precisamente o Império mesopotâmico mais conhecido pela historiografia Ocidental (principalmente por causa dos livros bíblicos dos Reis e de Daniel), e a construção composta por imagens de leões, touros e dragões, animais e seres que simbolizam força, poder e proteção para a sociedade neobabilônica.

Essas escolhas não são tão surpreendentes após nos atentarmos ao fato de que a produção foi financiada por uma empresa estadunidense de entretenimento que visa atingir o público mundial, e, por consequência, espalhar suas ideologias a partir dos pressupostos imperialistas historicamente construídos. O autor pós-colonial Edward Said (1990)<sup>52</sup> conceituou esse tipo de atitude dos povos ocidentais (norte-americanos e europeus) frente aos povos “não ocidentais” como ‘Orientalismo’.

<sup>52</sup> SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Em seu famoso livro de mesmo nome, ele assim o define:

É antes uma *distribuição* de consciência geopolítica em termos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos; é uma *elaboração* não só de uma distinção geográfica básica (o mundo é feito de duas metades, o Ocidente e o Oriente), como também de toda uma série de «interesses» que, através de meios como a descoberta erudita, a reconstrução filológica, a análise psicológica e a descrição paisagística e sociológica, o orientalismo não apenas cria como mantém; ele é, em vez de expressar, uma certa *vontade* ou *intenção* de entender, e em alguns casos controlar, manipular e até incorporar, aquilo que é um mundo manifestamente diferente (ou alternativo e novo); é, acima de tudo, um discurso que não está de maneira alguma em relação direta, correspondente, ao poder político em si mesmo, mas que antes é produzido e existe em um intercâmbio desigual com vários tipos de poder, moldado em certa medida pelo intercâmbio com o poder político (como uma ordem colonial ou imperial), com o poder intelectual (como as ciências reinantes da linguística comparada ou anatomia, ou qualquer urna das modernas ciências ligadas decisão política), com o poder cultural (como as ortodoxias e cânones de gosto, textos e valores), com o poder moral (como as ideias sobre o que “nós” fazemos e o que “eles” não podem fazer ou entender como “nós” fazemos) (SAID, 1990, p.24).

Logo, a ideia propagada pela obra cinematográfica de que seres culturalmente e intelectualmente superiores foram àquele local para levar progresso e civilização aos povos que ali viviam se assemelha aos discursos e ações imperialistas dos Estados europeus e norte-americanos nos continentes africano, asiático e latino americano ao longo dos séculos XIX e XX, mostrando a árdua reminiscência de valores imperialistas (e orientalistas) na indústria

cultural mesmo em um tempo de inclusão de grupos sociais comumente subalternizados.

Assim, os Estudos Subalternos, que surgiram durante a década de 1980 entre os marxistas de orientação maoísta do Centro de Estudos de Ciências Sociais de Calcutá (Índia), nos ajudam a colocar em evidência as visões das classes que foram marginalizadas pelo sistema capitalista, colaborando com novas reflexões acerca do presente, do passado, e até mesmo do futuro (ARRUDA; JUNIOR, 2019, p.106)<sup>53</sup>. O texto de Sanjay Seth, “Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva?” (2013)<sup>54</sup> é um exemplo do compilado de críticas que surgiu a partir dos movimentos sociais da segunda metade do século XX (como o feminista, antirracista, pós-colonialista, decolonialista, etc.).

Nesse texto o autor afirma que o ideal de “Razão” foi criado a partir da exclusão de outras definições existentes. O conceito foi gerado pelo “mundo Ocidental” e tido como universal, como se abrangesse as diferentes realidades geográficas. Assim, ele demonstra que a História definida pelos historicismos é um código não-universal que impossibilita os componentes do “mundo não-Ocidental” de decodificá-lo. Portanto, a noção de superioridade Ocidental alcançada a partir de um progresso supostamente natural é fruto de uma estratégia imperialista que busca subjugar e adestrar o “Outro” epistemologicamente, economicamente e fisicamente, além de rotulá-lo de selvagem, inferior.

---

<sup>53</sup> ARRUDA, L.P.; JUNIOR, D. N. F. Estudos pós-coloniais e decoloniais: uma perspectiva comparativa entre o Orientalismo de Edward Said e os estudos decoloniais. In: *Orientalismo Conectado*, LAPHIS – Laboratório de Aprendizagem Histórica da UNESPAR Leitorado Antigo – UPE Projeto Orientalismo, 2019.

<sup>54</sup> SETH, Sanjay. “Razão ou raciocínio? Clio ou Shiva?”. In: *História da historiografia*. Ouro Preto, número 11, 2013, pp. 173-189.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da leitura de nosso texto, podemos perceber o dinamismo das disciplinas História Antiga e Arqueologia. Ambas se institucionalizaram em contexto político conturbado (pós Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria) onde, por vezes, foram utilizadas como ferramenta de legitimação de governos autoritários. Graças às suas potencialidades e seu caráter dinâmico, somados a luta a coragem das minorias subalternizadas em busca de espaço e reivindicação de direitos, além do trabalho de historiadores e arqueólogos comprometidos com as demandas sociais de seus contextos, tanto a arqueologia quanto a história antiga puderam superar o rótulo e o estigma que carregaram como disciplinas eurocêntricas e elitistas, buscando cada vez mais abordar temáticas que vão na contramão as suas origens segregadoras.

Um bom exemplo sobre os reflexos dessas transformações são as próprias produções acadêmicas feitas em nosso país. Não pertencemos aos “grandes centros” onde se discutem Antiguidade, mas cada vez mais podemos observar pesquisadores brasileiros (Pedro Paulo Funari – Arqueologia Clássica: O Quotidiano de Gregos e Romanos - 2015, Filipe Noé da Silva – De escravos a benfeitores: os libertos e a munificência na Hispania Romana – 2021, Julio Cesar Magalhães de Oliveira – the Ancient History from Below – 2021, entre outros) publicando sobre temas de grande relevância e com qualidade inquestionável, mostrando o quanto temos a contribuir com nossa visão, que por vezes foi, e para alguns ainda é, marginalizada. Isto é de tamanha importância levando em consideração os últimos quatro anos em que a ciência foi atacada e desacreditada e que ocorreram vários revisionismos de nossa história.



Ademais, tentamos demonstrar como as produções da cultura pop, tanto as séries, os jogos, os livros, as novelas como os filmes, este último utilizado como fonte no estudo de caso, podem auxiliar no entendimento das realidades do passado se criticados e analisados a partir das pesquisas e descobertas de historiadores e arqueólogos. Tais obras são importantes para a historiografia dos dias atuais por conseguirem alcançar um grande-público e suscitarem a curiosidade, o interesse e a interação dele através das redes sociais e das relações interpessoais, não podendo ser ignorados neste mundo de entretenimento tecnológico.

## **REFERÊNCIAS**

- A EPOPEIA de Gilgamesh (Entrevista com Katia Pozzer). Spotify: Diálogos Olímpicos, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3FnxaA6gyfL29UUdqfNldf?si=70686ba7bfb748a6>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- ANTEQUERA, R. A. O. M. *Do templo ao palácio: representações da cidade suméria através da “Lista Real Suméria” durante o Dinástico Primitivo (2900-2334 A.C.)*. Franca, 2015.
- ARRUDA, L.P.; JUNIOR, D. N. F. Estudos pós-coloniais e decoloniais: uma perspectiva comparativa entre o Orientalismo de Edward Said e os estudos decoloniais. In: *Orientalismo Conectado*, LAPHIS – Laboratório de Aprendizagem Histórica da UNESPAR Leitorado Antigo – UPE Projeto Orientalismo, 2019.
- BONFÁ, D. C. Antiguidade, identidade e os usos do passado. *Revista De Estudos Filosóficos E Históricos Da Antiguidade*, 21(30), 2017.
- BONFÁ, D. C., & MATOS, K. B. de S. Antiguidade em contexto: os usos do passado e suas intencionalidades. *Revista De Estudos Filosóficos E Históricos Da Antiguidade*, 27(37/38), 94–109, 2022.
- BOTTÉRO, Jean; MORRISON, Ken (orgs.). *Cultura, Pensamento e Escrita*. São Paulo, Ática, 1995.

- CAPITÃ Marvel. Direção: Anna Boden; Ryan Fleck. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Anna Boden; Ryan Fleck; Geneva Robertson-Dworet. Gravação de Ben Davis. [S. l.]: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2019. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/capita-marvel/38xJ-GILAQy9a>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Antiguidade Oriental, Política e Religião*. São Paulo: Contexto, 1990.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Editora Unicamp, 1986.
- CARNES, Nicholas. GOREN, Lilly J. *The Politics of the Marvel Cinematic Universe*. University Press of Kansas, 2022, p.456. Disponível em: books.google. Acesso em: 21 jan. 2023.
- DÍAZ-ANDREU, Margarita *Arqueologia crítica e humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAkt6Jk>. Acesso em: 8 nov. 2022.
- FERNANDEZ, Marisa; MÉNDEZ, Laura. *Historia enseñada, cine y mujeres: una tríada a debate*, pp.1-16.
- FUNARI, Pedro Paulo A, BERNAL, Martin, CANFORA, Luciano, OLIVER, Laurent. *Repensando o Mundo Antigo*. Editora Unicamp, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade Clássica: A História e a Cultura a partir de documentos*. Editora Unicamp, 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia e Patrimônio*. Editora Habilis, Erechim RS, 2007.
- FUNARI, Pedro Paulo, TEGA, Glória. *Arqueologia, do Imperialismo à Inclusão Social*. Expressa Extensão, Pelotas, p. 17-27, 2014.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. Coleção História na Universidade. Editora Contexto. São Paulo, 2013.
- HINGLEY, Richard. *O Imperialismo Romano - novas perspectivas a partir da Bretanha*. UFPR/UNICAMP/CAPES/ ANNABLUME, São Paulo, 2010.

- HOSEIN, Safyyia. The “Worlding” of the Muslim Superheroine: An Analysis of Ms. Marvel’s Kamala Khan. In: *The Popular Culture Studies Journal*, Vol. 7, No. 2, 2019, pp 56-69. Disponível em: [cloudfront.com](https://cloudfront.com). Acesso em: 21 jan. 2023.
- JEWETT, Robert; LAWRENCE, John Shelton. The Problem of Mythic Imperialism. Summer, vol.2, 1979, pp. 309-320. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1542-734X.1979.0202\\_309.x](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1542-734X.1979.0202_309.x). Acesso em: 21 jan. 2023.
- KIOSSESKI, Caroline dos Santos. Painel com leão em posição de marcha. <https://www.ufrgs.br/leao/>, 20 set. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/leao/>. Acesso em: 9 nov. 2022.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.
- LION, Brigitte. *La notion de genre en assyriologie* In: *Problèmes du genre en Grèce ancienne* [en ligne]. Paris : Éditions de la Sorbonne, 2007 (généré le 10 mars 2012). Disponible sur Internet: <http://books.openedition.org/psorbonne/33244>. ISBN :9791035101862. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.psorbonne.33244>. Acesso em: 21 jan. 2023.
- MAY, Natalie. “Triumph as an Aspect of the Neo-Assyrian Decorative Program”. In: WILHELM, Gernot (org.). *Organization, Representation, and Symbols of Power in the Ancient Near East*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2012, p. 475.
- MORETTIN, E. V. *O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 38, 2003, pp.11-42.
- MS. Marvel. Direção: Adil El Arbi; Bilall Fallah; Meera Menon; Sharmeen Obaid-Chinoy. Produção: Kevin Feige; Louis D’Esposito; Victoria Alonso; Brad Winderbaum; Adil El Arbi; Bilall Fallah; Bisha K. Ali. Roteiro: Bisha K. Ali; Kate Gritmon; Freddy Syborn; A. C. Bradley; Matthew Chauncey; Sabir Pirzada; Fatimah Asghar. Gravação de Robrecht Heyvaert; Carmen Cabana; Jules O’Loughlin. Disney+: Marvel Studios, 2022. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/series/ms-marvel/45BsikoM-cOOo>. Acesso em: 22 jan. 2023.

- PAYEN, Pascal. *A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?* Tradução Gustavo de Azambuja Feix; revisão: Emanuella Gonçalves, revisão de tradução: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard; revisão técnica: Temístocles Cezar. Periódico História da Historiografia 103 - 122, Ouro Preto, 2011.
- POZZER, Kátia Maria Paim. Cidades Mesopotâmicas: história e representações. O mundo urbano – espaço profano e sagrado. In: *Revista Anos 90*. Volume 10, No 17. 2003. p.61-73.
- ROCHA, Ivan Esperança. Mario Leviani: a trajetória de um orientalista. In: SILVA, Glaydson José da; CARVALHO, Alexandre Galvão (orgs.). *Como se escreve a História da Antiguidade: olhares sobre o antigo*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020. pp. 479-486.
- ROSENSTONE, Robert A. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010 [tradução Marcelo Lino].
- SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SETH, Sanjay. “Razão ou raciocínio? Clio ou Shiva?”. In: *História da historiografia*. Ouro Preto, número 11, 2013, pp. 173-189.
- SILVA, Glaydson José. *História Antiga e Usos do Passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sobre o regime de Vich (1940 - 1944)*. Tese de doutorado. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.
- WHITELAW, Gavia Baker. *Is ‘Captain Marvel’ military propaganda?*. Daily.dot, 1 mar. 2019. Disponível em: <https://www.dailydot.com/parsec/is-captain-marvel-military-propaganda/>. Acesso em: 21 jan. 2023.